

Gravação: Tdm50_Cabare Das Rachas

Duração do Áudio: 01:26:01

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahãm, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Heineken
Orador B	Flávia
Orador C	Elisa
Orador D	Ana Luiza

Narração: Este projeto é realizado com os recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Orador A: Olá, gurizada. Sejam todos bem-vindos ao trabalho de mesa. Este é o programa de número cinquenta. A gente prometeu que no cinquenta a gente ia fazer pelado e estamos aqui, todos pelados, prontos. Porque a ideia era essa, né? Que a gente completasse cinquenta, gente ia fazer alguma coisa de diferente. Então é isso, gurizada. Estamos no episódio cinquenta deste podcast sobre teatro. Eu sou o Heineken, mas você já me conhece porque eu estou aqui há cinquenta episódios. E hoje nós vamos fazer uma coisa que para você que está ouvindo agora não vai fazer diferença nenhuma porque você não vai sentir isso. Mas a gente vai tentar gravar pela segunda vez um episódio porque deu pt, deu problema, a gente vai mesclar e vai ficar bonito e você vai gostar. E hoje a gente vai falar sobre uma das coisas mais legais, mais importantes, desde que a gente começou a falar sobre o episódio do coringa, que a gente ia conversar sobre alguma coisa sobre esse assunto que você já sabe porque você já leu o número aqui e já leu as coisas aqui embaixo. Esse é um episódio que eu queria fazer separado antes de terminar tudo, antes da gente terminar esse ano eu precisava parar. Não, vamos falar

sobre isso porque esse é um projeto fantástico, eu achei maravilhoso. Quando eu me dei conta do tamanho, da potência que esse negócio era eu falei: "não, vamos tentar fazer um episódio". É uma pauta trazida por uma das nossas participantes mais queridas, mais importantes aqui. Então vamos apresentar o pessoal da mesa, do nosso trabalho de mesa. Estamos aqui hoje para conversar sobre essas rachaduras, esses problemas, essas rupturas, essas questões e as soluções. Elisa carneiro como convidada.

Orador C: hellos! Tem que falar alguma coisa mais? É para eu me apresentar agora ou não?

Orador A: pode ser. Se você quiser falar alguma coisa. Se você só quiser falar a palavra "hello" está ótimo. Não tem problema não.

Orador C: hellos!

Orador A: e, senhoras e senhores, como vocês já puderam escutar pela nossa gargalhada no fundo, a nossa, como eu sempre falo, né, a nossa moralidade no sentido de que traz a moral para a galera, que vem dar moral para a galera. A nossa... o nosso pé no chão, a nossa intelectual, cômica, diretora, fantástica Ana Flávia Garcia.

Ana Orador B: olá, pessoal da podosfera. Estamos aqui hoje com as nossas rachas e rachaduras. Temos um grande show hoje. Beijo.

Orador A: e, como não poderia deixar de ser e há um tempão que eu venho convidando, pensando e querendo que ela viesse para cá, e agora a gente conseguiu marcar porque é uma agenda absurdamente louca, uma das melhores atrizes, uma amiga, uma inspiração, uma maravilha de mulher, fantástica, sensacional, daquelas pessoas que se você não conhece você está perdendo, o melhor da humanidade, Luiza bela costa.

Orador D: boa tarde, Gustavo. Boa tarde, brasil.

Não identificado: boa tarde.

Ana Orador B: boa tarde, telespectadores.

Orador D: telespectadores, ouvintes.

Orador A: então é o seguinte, gurizada. Olha só. Agente, em alguns programas passados como você vem acompanhado aí, a gente já citou, já levantou e já falou de palhaços, a gente já falou de palhaços de hospital, a gente já falou de improvisação, a gente já falou de roteiro, a gente já falou de um monte de coisas ao longo desse tempo né. Nós somos aí, com muito orgulho, um dos poucos podcast ou talvez o único podcast sobre teatro nessa podosfera brasileira onde a gente tem de tudo que assunto. Então a gente resolveu falar de uma coisa que seja muito, muito específica do mundo cênico, que talvez seja uma das coisas que eu tava até pensando esses dias, cara. Que talvez seja uma das coisas que mais mantém vivo o teatro ao longo do tempo, que são festivais, né. Vocês já repararam que os festivais é como se fossem um "buste" assim. Tipo, tá dando tudo errado, tá difícil, o cara da Funarte tá falando merda, aí de repente aparece um festival e aí você vê outras pessoas, você ver outros grupos. Aí você dá um... pelo menos individualmente você passa... ah, não, isso ainda tá vivo. Tem outras pessoas por aí fazendo. O festival ele dá essa coisa na nossa cara assim né. Tipo, individualmente. Você vê que existe vida para além da sua bolha nesse festival. E o festival

cumpra essa função e este específico é uma das iniciativas desse grupo fantástico que está aqui com a gente e a gente resolveu convidar. E por sorte a nossa, uma das nossas participantes oficiais é uma das pessoas também desse festival. Então é um auto jabá de si mesmo entre si mesmo e de si mesmo.

não identificado: para si mesmo.

Orador A: mas ao mesmo tempo, é claro, a gente iria atrás porque assim essa é uma empreitada, é um empreendimento muito importante assim. E acho que vale a pena não só falar dos... das empresas, das pessoas e das instituições que apoiam esse tipo de coisa mas principalmente para deixar o público ciente do processo de como isso acontece né. Porque o nosso objetivo é fazer você e espectador, você ouvinte, você público, aprender também ou melhorar ou a curar a sua visão quando você vai assistir teatro né. Entender lá porque que é bom pagar, porque que é bom não pagar, porque que é bom ir em espetáculos grandes, porque que é bom ir em espetáculo pequeno, porque que é bom assistir o espetáculo do bar, porque que é bom assistir o espetáculo gigante. Enfim, consumir o teatro em todas as suas possibilidades e todas as suas formas. Então eu acho que esse é um tipo de espetáculo, um tipo de trabalho que traz mais uma força neste é... Universo. Digamos assim. Então a gente vai conversar sobre o cabaré das rachas. Eu achei esse nome fantástico, mas antes a gente precisa para o recadinho da nossa querida bilheteria. É o seguinte, a gente... Talvez você possa ter percebido que ao longo da temporada a Ana Flávia volta e meia não tava mais apresentando com a gente. Volta e meia a Ana Flávia não tava aqui e a gente ficava “ah, vamos marcar”. Não, a Ana Flávia não pode. Por quê? Que o é que tá acontecendo com a Ana Flávia? Ah, ela está lá no cabaré das rachas. Aonde? No cabaré das rachas. O que é isso, gente? E aí foi quando eu descobri que a Ana Flávia estava nos traindo na verdade por um outro empreendimento. E ela ficou meses sei lá. Quantos meses ela ficou fora nesse processo todo no total?

Orador C: uns 4 meses.

Orador A: 4 meses num projetão desse tamanho, rodando o país todo. E foi uma coisa assim maluca. Vocês ainda estão fazendo, não? Ou já acabou?

Orador D: não, a gente faz agora a última viagem em dezembro para Poconé. Na verdade Poconé comprou a gente duas vezes, né, então a gente foi em agosto e agora a gente tá indo no final do ano em dezembro fazer a última viagem do palco giratório com o cabaré das rachas.

Orador A: atendendo bem para atender sempre. Esse é o lema. Fantástico. Então, pois é, aí a Ana Flávia foi nesse empreendimento, a gente ficou assim pensando o que é que tava acontecendo e tal. Conversei com ela e ela falou: ó, a gente tá fazendo um projeto foda, fantástico, diferente, que são... são três palhaças, três artistas, são três mulheres cênicas por potências fantásticas, com no entendimento cênico que é eu mesmo pessoalmente passo atestar, que eu já trabalhei. Tive o privilégio de trabalhar com as três (-risos) em esferas diferentes. E eu sei como é a potência da cena das três, dessas três pessoas fantásticas e aí a gente resolveu então fazer uma falta especial só para isso assim. Tirar um episódio só para falar desse assunto porque a gente precisa divulgar isso e falar sobre esse negócio. Então eu queria perguntar para vocês o que que há exatamente ou cabaré das rachas?

Orador B: pois então, acho que vale a pena começar a falando sobre cabaré né. Porque essa é

uma palavra que comumente né as pessoas já se remetem mesmo ao cabaré, casa da luz vermelha, né, o puteiro né. Clássico. Mas é também, só para situar todos os ouvintes, é chamado cabaré o show de variedades né. Um show de variedades, de vários números, né, isso no circo é muito tradicional os cabarés de variedades, show de variedades. Esse já foi muito comum, era muito característico da cena do teatro em um momento da história do teatro no brasil né com o teatro de revista que tem muito a ver com essa questão dos cabarés, com esses shows de números. E ele acabou ficando localizado aí mais um ambiente do circo como esse show feito por pequenas cenas de artistas de circo né. Então o cabaré das rachas vem... Nasce de um convite para a gente participar e tocar um cabaré em um festival de palhaços internacional aqui do DF, de Brasília. É um festival muito importante, que é o Sesc festclown que já estava comemorando no ano que a gente apresentou, que foi 2018, comemorando 20 anos já. É um festival que foi muito importante aqui na cena da cidade, formou... Foi responsável por formar muitos dos nossos palhaços, participou da formação da maioria de nós porque trazia artistas de fora, criou um grande diálogo, um grande intercâmbio. Palhaçaria a gente aprende de um jeito oral, né, a gente vai encontrar com quem sabe e aprender com as pessoas né e também assistir outras pessoas que fazem essa arte né. Então a gente foi convidada, depois de 20 anos é importante dizer, é para tocar um cabaré de mulheres é... No festival. Uma noite nossa, das mulheres né. Esse festival é promovido pelo Sesc, isso é muito importante dizer, porque o Sesc realmente é uma das instituições que sustentam aí a resistência da arte nesses momentos de tanta vala e treva né. Então é... Esse... A gente faz chamada para fazer esse cabaré e fizemos um excelente trabalho nesse festival. Convidamos mulheres é... Artistas da cidade né. Quando eu receber chamada a primeira pessoa que eu penso em estar junto porque fiquei muito é... provocada ao lugar de...poxa vamos fazer uma coisa, vamos delimitar esse território de uma vez por todas, né, esse território de um cabaré de mulheres dentro do festival, vamos fazer uma coisa incrível. Então a gente vai fazer uma coisa tão estranha que nunca mais vão chamar a gente né. Aí eu pensei: "pô, vamos fazer valer esse lugar" né. E aí já pensei imediatamente em convidar a Elisa. Elisa é uma parceira, a gente já trabalha, já tem projetos e planos de amor e trabalho há muito tempo, projetos que a gente por mil motivos não...acaba não...

Orador A: eu adorei esse termo. A gente tem um projeto de planos de amor

Orador B: isso, isso

Orador A: (-risos)

Orador B: é. De, de, de trabalhar juntas né e sempre se olhando, sempre se observando e, e apaixonadas uma pelo trabalho da outra e tudo. Então já convoquei logo a Elisa para a gente começar a pensar, para chamar a Elisa pra pô... topar essa. Vamos fritar essa loucura aqui juntas né? E aí Elisa tocou e começamos a loucura né de pensar o que é que a gente... Como que a gente ia fazer isso porque definitivamente não tinha uma vontade só de convocar os números das mulheres, das palhaçadas, e organizar e fazer um roteirinho. Uma entra. Agora é o número da outra. Agora é o da outra. Agora é o da outra. Fim. Pam! Não. A gente não queria fazer isso. A gente queria... Começou a ficar com muita vontade de trazer as pautas do feminismo né pelo menos uma, uma, uma, uma, uma parcela das nossas faltas né alguma coisa importante do movimento feminista para ser dita de fato para além das nossas presenças como mulheres em cena, que isso já é o próprio feminismo, que é a nossa existência, né, fazendo as coisas né. É... isso se basta, né, mas a gente queria realmente trazer algumas pautas.

Orador A: ainda mais numa clownaria, né, palhaço é muito como né quando a gente conversa com pessoas que são bem leigas na área do palhaço ou da coisa do palhaço, quando você pergunta por referências né visualmente normalmente são grandes, grandes mestres homens né?

Orador B: sim, as maiores referências são. São.

Orador A: uma coisa que eu acho muito legal sobre cabaré, tentando pensar no nosso público aqui, uma coisa interessante que eu acho que talvez pudessem ter experimentado e de repente poderiam falar um pouco, essa visão interna de atriz em cena lá ou atriz dirigindo ao coordenando isso, porque o cabaré tem uma característica na minha percepção que ele não... É como se ele não fizesse parte de um planejamento oficial da noite que está sendo apresentada. Ou seja, você tem uma apresentação principal que é pelo qual a gente foi lá assistir. E aí você assiste aquilo. Aí depois você vai assistir o cabaré que é tipo aquilo que não tá na programação oficial e aí isso dá uma liberdade estética e uma liberdade poética de apresentação, né, de conceitos iniciais. E aí o que é interessante dessa estrutura é que a justamente pagar este lugar e colocar ele como pauta principal né. Isso é interessante... Essa percepção. Vocês sentiram essa liberdade? Como é que foi trabalhar as temáticas para vocês em relação ao fato de vocês estarem fazendo um cabaré com pessoas né?

Orador C: é... Eu ainda não tinha pensado sobre isso assim de com relação a programação né de um festival, de um evento. O cabaré normalmente é o último mesmo, é o que fica para as 11 horas da noite, as pessoas ficam em pé muitas vezes, vendem cerveja. Enfim, é outro clima mesmo, assim. É mais livre né. E tem um pouco desse aspecto mesmo, assim, de uma coisa meio alternativa, né, até porque a maioria dos cabarés são feitos um dia antes, dois dias antes, enfim, a gente está propondo uma... a nossa própria dramaturgia não é uma dramaturgia fechada né. Então a gente monta o cabaré uma semana antes. A gente vai explicar melhor daqui a pouco, mas essa liberdade ela é bem... É bem presente assim, bem presente, até porque vem os encontros sempre... Vão ser sempre um mistério assim. A gente não sabe quem vai chegar, né, para trabalhar com a gente, as mulheres que vão chegar para trabalhar com a gente.

Orador A: então não são vocês em cena né? Vocês na verdade coordenam...

Orador D: também

Orador A: ah tá. Também vocês estão em cena. Como é que é? Explica para a gente essa estrutura. Tipo, vamos falar sobre a estrutura.

Orador D: assim, quando você falou o negócio, esta coisa da espetacularidade, né, tipo de um espetáculo e o cabaré não ser oficial, eu não sei assim, mas eu vejo o cabaré das rachas um pouco diferente. Ele tem... Por mais que ele seja um processo formativo de vivência, ele tem um caráter de produto artístico final de espetáculo. Até por que eu faço... Eu por exemplo, no cabaré a minha função também é de montar o cabaré, né, de ir lá antes, a técnica né. A gente tem uma técnica, a gente tem luz, a gente tem som, a gente tem esse cuidado né de fazer o cabaré ser um espetáculo mesmo. Eu não vejo ele como uma coisa fora da espetacularidade sabe?

Orador A: sim

Orador D: para mim ele tem todos esses requisitos para ser um espetáculo. Por mais que seja uma variedade, uma [varietês] de número, ele tem todas as qualidades para ser um espetáculo mesmo, um espetáculo cabaré, um cabaré espetáculo, sei lá. Não sei explicar que isso.

Orador A: é por isso que eu achei bastante disruptivo para usar uma palavra chique. Tipo, vocês usam na verdade um conceito de pegar aquilo que é que seria o do depois, o mais livre, o mais solto e dão essa cara de...

Orador D: sim

Orador A: de ok, vamos falar sobre esse assunto, esse é o tema, o cabaré é o espetáculo principal né e não o segundo.

Orador D: isso. O cabaré é o espetáculo. Ele é um espetáculo.

Orador A: isso. Agora como é que funciona em termos práticos? O que é que acontece? Qual é o processo para o negócio tá pronto?

Orador B: bom, eu só preciso realmente retomar aquela questão da gente no festclown e como a gente vai parar no palco giratório porque essa é a ponte justamente para o nosso entendimento metodológico né porque...

Orador A: tá vendo? Por isso que a gente tem a Flávia aqui.

Orador B: é importante essa relação tempo espaço, é importante. Aí o que acontece? Fizemos então o nosso cabaré aqui, né, no festival, e com essas características que a Ana Luíza acabou de citar e que a Elisa acabou de falar sobre essa percepção da... com essa percepção da fugacidade que vem, como montar um cabaré... Que o cabaré é isso, é montado realmente dois dias antes, né, normalmente com artistas do festival, né, tem uma coisa assim. Ou artistas da cidade que não estão na programação oficial. Tem essa cara né. Então no nosso cabaré a gente ganhou esse aspecto espetacular aí que a nega colocou por que a gente teve um cuidado do técnico muito grande com a parte musical, com a parte de entradas e saídas, com o cuidado da dramaturgia, com o trilhar mesmo em pouco tempo caminhos nos números das convidadas para que aqueles números ganhassem potencialidade. Ali já estava se desenhando uma metodologia de trabalho para o cabaré das rachas porque elementos que foram utilizados para potencializar, para estruturar o espetáculo, eles viraram a nossa forma de fazer quando a gente recebe esse convite do Sesc. O que acontece é: a gente apresenta o nosso cabaré, ele tem... a gente percebe que para trazer as pautas era muito importante para a gente tivesse mulheres de outras linguagens artísticas, não só as palhaçadas. Isso já foi uma coisa que começou a ser arejada dentro dessa primeira versão né do cabaré que starta o processo. E o que aconteceu foram dois fatores importantes. Um, esse fator técnico que a gente fez realmente um grande trabalho. Um trabalho oportuno. O público estava receptivo, nos querendo, querendo essa pauta, querendo as pautas. Então isso trouxe além do nosso empenho uma fusão muito importante de energia dentro desse dia, da lona. Esse foi um fator. E o segundo fator foi um fator logístico muito importante também que a gente tinha curadores do Sescs nacionais de outras cidades assistindo esse espetáculo, participando do festival e assistindo. Isso é um viés muito importante de se dizer quando a gente tá falando aqui sobre fazer arte e fazer teatro né porque isso localiza a gente num espaço de viabilidades. Como que as coisas acontecem? Acontecem assim, né, sendo camadas e camadas de importâncias aí para a coisa funcionar. Então essas pessoas viram, esses curadores viram o

trabalho e se impressionaram com o processo. Então o Sesc, na pessoa de Léo Braga, Leonardo Braga que foi um cara muito sagaz e fez... ele é o curador aqui do DF, ou era pelo menos no ano em que a gente né... Durante esse ano... porque ele é defen... o projeto normalmente é defendido um ano antes né. Ele é defendido em 2018 para circular em 2019. Ele foi o curador que defendeu esse projeto e foi quem fez também a proposta né. Diante dessa demanda que foram os curadores todos do Brasil querendo, vendo e isso e falando “caramba, mas o que é que... Essas mulheres são o quê? Elas são um grupo? São um coletivo? Elas já trabalham? Isso já tava pronto? Como é? Como não é? Como isso?”. E eles tiveram então a brilhante daí de convidar. E eu lembro exatamente da expressão que o Leonardo Braga trouxe para a gente para fazer o convite, que ele falou “o núcleo duro... O núcleo criador, o núcleo duro é... Do cabaré [inint] [00:20:29] vamos circular com cabaré das rachas”. Aí eu pensei “a gente vai circular com um elenco de 14 pessoas? 14 mulheres? Já nem quero”. Ave maria que preguiça. É muita gente. É um bonde grande para puxar. Eu mesma eu sou bicho solto, não gosto. Então o que que aconteceu? Ele na verdade não era isso. Aí foi um alívio porque era para viajar esse núcleo duro para fazer cabarés com as artistas das cidades. Aí meu amor, aí foi só amor depois disso. Por que o que é que aconteceu? Veio toda dos insights metodológicos, né, todas as ideias de como fazer isso, como poder expandir aquilo que a gente construiu como metodologia que a gente já tava visualizando como potencialidade de encontro entre as mulheres, intercessão entre as pautas feministas e a palhaçaria e a arte. Metodologia totalmente autoral, né, feita e criada para esse projeto, para esse trabalho. Jogos e desenvolvimento criados exclusivamente para esse trabalho.

Orador D: as suas narrativas também

Orador B: as narrativas. As mil formas que a gente encontrou para poder trazer a potência para esses encontros com as mulheres nas cidades.

Orador A: essas cidades então, essas cidades eram tipo as que o Sesc... Em que são atendidas pelo Sesc, que o Sesc tem, aí eles pegam vocês o núcleo, né, as diretoras, a direção, leva para essa cidade e vocês lá procuram mulheres artistas, trazem essas mulheres artistas para uma vivência e aí vocês criam um resultado e apresentam para aquela cidade? É tipo isso?

Orador D: é. Na verdade a gente faz um chamamento né. Anterior a chegar na cidade né a gente faz um chamamento via internet, o próprio Sesc também lança nas páginas sociais deles e as mulheres se inscrevem. E de alguma maneira assim não tem um limite, a gente aceita o número de mulheres que tiver assim. Já teve cidades que tiveram 23 mulheres, cidades que tiveram seis mulheres só então. A gente tenta abarcar todas elas né. E a vivência ela acontece em 5 dias, então são três dias assim reais de vivência mesmo com as propostas metodológicas da Ana Flávia, as narrativas que ela propõe, jogos de cenas de improviso, de criação de novas cenas em cima de um tema né. E aí o quarto dia a gente... Do terceiro para o quarto dia a gente é... Fecha um roteiro né em cima de tudo que elas se propuseram, das cenas que elas trouxeram, das cenas que a gente criou juntas, de cenas individuais. E a gente cria um roteiro passando noite varada na madrugada queimando a mufa para poder criar essa dramaturgia desse cabaré e aí no quarto dia a gente ensaia.

Orador A: como é que vocês chegam na temática? É tipo assim, como que vocês em termos de... Eu fico pensando assim, como que eu vou ter que escrever o roteiro, uma história nessa noite baseado no que a gente viveu? Então o que a gente viveu nesses últimos dias ele tem que ser encaminhado para esse lugar né? Então como é que eram as provocações ou o que é

que vocês procuram nas pessoas... Nas mulheres que estão lá né? Como que vocês estão em delas?

Orador D: só quem viveu que sabe. Só quem tava lá que sabe, rapaz.

Orador C: a gente é proibida de falar isso.

(-vozes sobrepostas)

Orador A: eu digo assim, quais são as coisas que vocês colocam, fazem jogos, vocês fazem conversa para elas trazerem histórias? Porque vocês precisam de material para escrever alguma coisa, né? Como que vocês extraem esse material?

Orador C: então, a gente já vem com uma proposta. Quando a gente chega na cidade a gente foi coletando e esquematizando conforme o cabaré foi acontecendo porque a Ana Flávia deu inclusive uma... Um nome para um conceito muito bom que é o racha kamikaze, metodologia racha kamikaze. Ou seja, é uma loucura! É uma loucura para todo mundo inclusive para nós. E é muito intenso, é um processo muito intenso e então a gente com o tempo, conforme a gente foi passando pelas cidades e passando por dramaturgias atrás de dramaturgias, contatos com as mulheres, cada uma mais incrível que a outra, e fritando todos esses pensamentos e essas informações e tudo, baseado na nossa proposta que é trazer os temas feministas mesmo a gente foi esquematizando uma proposta, um roteirinho já. Então esses três dias que nega tava falando que a gente passa na vivência né com as mulheres a gente já tem um caminho bem... Hoje a gente tem um caminho bem delimitado do que a gente vai propor quando a gente vai em sala fechada só nós, né, só nós mulheres. Então é... É baseado nisso. A gente traz uma proposta sobre feminismos, no plural mesmo, tudo muito plural, é... mulheridades, as nossas questões.

Orador D: o sagrado feminista

Orador C: o sagrado feminista. Friccionando tudo com o mundo né e com as realidades dos lugares que a gente passa porque muda muito né de cidade por cidade. E nisso a gente solta provocações, né, a gente nunca sabe o que é que vai voltar. Então a gente improvisa em cima daquilo, né, ela sem provisão, a gente também porque a gente acaba entrando em muitas, muitas das...

Orador D: dos exercícios

Orador C: dos exercícios, né. E a gente coleta tudo isso e cria cenas coletivas porque tem as cenas delas também. Elas chegam às vezes com propostas de cenas que elas já têm, que já fazem, palhaços profissionais, atrizes profissionais, bailarinas, enfim.

não identificado: musicistas.

Orador C: é. Então a gente mescla tudo isso a partir de provocações.

Orador A: isso que eu ia perguntar para vocês a partir dessa tua fala, Elisa. Porque tipo assim eu quando fico projetando imaginando um evento desse porte, com essa característica, eu fico imaginando que a diversidade de artistas ou pessoas que vem com isso, né, que vem com alguma coisa, deve ser muito grande. Deve ter gente que tipo tá muito a fim de fazer, mas não sabe o que é, não sabe nem o que é! Não sabe nem o que é, mas ela tá a fim de participar de

alguma forma

Orador C: demais

Orador A: até pessoas que devem tá com vontade de ir para ensinar vocês alguma coisa né. Tipo a pessoa vai lá porque ela sabe mais, porque ela quer e tal. E aí você tem que lidar com essa gama de pessoas que tem por aí afora, né, assim. Sei lá quantos artistas e quantas artistas mulheres existem nesse brasil afora né cara. Tipo, caraca, é muito difícil pensar nisso assim. Como é que foi a lidar ou qual era a abordagem que vocês tinham, qual a preocupação que vocês tinham para lidar com essa diversidade de pessoas assim? Já que eram temas pessoais, pelo que eu entendi as mulheres que vinham as oficinas ou ao trabalho antes né elas traziam questões pessoais, né, elas traziam também questões delas. Como é que vocês lidavam com essa diversidade?

Orador B: as mulheres eram muito diversas, são muito diversas, e as suas perspectivas em arte. Mas as pautas infelizmente são muito recorrentes. A gente pode ter um panorama muito claro num organograma o perfil de pautas que a gente encontra, ele é muito tranquilo de ler. É bem estrutural o movimento feminista, ele precisa de coisas muito estruturais mesmo, né, as coisas estão ligadas à questão da invisibilização da mulher, do espaço das violências, né. Então assim, são lugares muito recorrentes em que a gente não tem exatamente um grande espectro de variedade temática. A gente tem subjetividades a lei de cada uma, né, para que a nossa escuta seja sempre atenciosa e porosa. E curiosamente a gente tem mais mulheres querendo fazer e não sabendo exatamente como é... E mulheres que sabem muito bem o que estão fazendo e querem partilhar. E a gente praticamente não tem nenhuma narrativa de mulheres que vão querendo ensinar alguma coisa. Acho até... até arriscaria dizer que isso é do espectro masculino, essa pedância. A gente não encontrou muito essa pedância no movimento entre mulheres, inclusive porque na metodologia e eu tratei de desconstruir qualquer espaço que favorecesse essa pedância aparecer. Por exemplo, a bendita maldita roda de apresentação que se faz quando se tem um tipo de evento como esse. Detesto. Acho a coisa mais inútil, pretensiosa, babaca. Convoca as pessoas à “blasezisse”, convoca as pessoas à arrogância e convoca as pessoas a se sentirem menos umas que as outras, convoca à disputa. Roda de apresentação para mim é uma vala, né, a gente não deveria fazer isso. A gente deve começar a trabalhar. Primeiro a gente trabalha e depois a gente vai se conhecendo porque o que importa mesmo é o nosso encontro e o que a gente vai provocar lá. Como disse, né, é uma metodologia racha kamikaze que a gente tem pouco tempo e esse pouco tempo precisa ser muito bem...

não identificado: aproveitado

Orador B: alquimia, né, muito bem aproveitado esse tempo para que ele não vire uma babaquice de roda pseudoterapêutica porque nós não somos terapeutas e também porque a gente não precisa ficar esfregando currículo na cara de ninguém. Então a gente não... praticamente a gente não trabalha nesse espectro. Trabalha com... O negócio é trabalho duro. Elas entram em sala de ensaio e a gente já tá suando. Não tem conversa. É tipo, a gente já começa trabalhando forte. A gente entendeu que essa é uma maneira da gente se potencializar inclusive nas mulheridades, sabe? Temos sim corpos prontos, temos sim corpos que estão disponíveis para trabalho, a gente não precisa ficar se amaciando tanto para trabalhar sabe? E isso vai quebrando também alguns paradigmas sobre para agilidades e sei lá o quê, enfim, coisinhas. Coisinhas que a gente não precisa mais lidar né? Então a gente já traz isso logo no primeiro momento, todas as mulheres reconhecem isso como uma potência, todas as que

participaram do cabaré.

Orador A: e a em termos dessa diversidade focando agora numa questão estética digamos assim, é uma questão de desenho artístico, como é que vocês viram o que elas traziam de material que era a parte da questão emocional né? Porque eu imagino que são depoimentos, histórias e tal. Então coisas emocionais. Mas fora disso o material que elas traziam para vocês também trabalhar ou então as cenas que vocês já estavam ensaiando, aquilo que vocês estavam vendo... ok. Ah, vamos fazer você primeiro, depois entra isso, enfim. Toda essa estrutura. Como é que vocês viram a diversidade eu queria que vocês na verdade, é uma curiosidade minha mesmo, como é que tá a diversidade cultural e estética dos produtos artísticos por aí afora? Eu vou tentar reformular melhor assim, tá meio abstrato.

Orador D: eu fui longe aí nessa pergunta.

Orador A: eu tenho exatamente o que eu quero perguntar na cabeça, só tô tentando colocar em palavras. É assim, eu vou tentar dar um exemplo para melhorar.

Orador D: você diz de qualidade?

Orador A: de tudo.

Orador D: de qualidade artística?

Orador A: é. Não só de qualidade de... É de qualidade, mas não no sentido de melhor ou pior. No sentido de tipos né? Porque você tem... Eu tava fazendo um curso de improviso aqui por exemplo e aí eu fui atuar com um grupo que tinha chineses, indianos... indianos, indianos mesmo, que mal falavam em inglês, chineses que também eram garotos novos que mal falavam em inglês e atores canadenses. E aí eu percebi uma questão assim, os canadenses eles falavam para caramba, todas as cenas que eles traziam elas eram só diálogos, parecia um stand up comedy, eles entravam e ficavam parados no centro da cena e ficavam falando um texto engraçado, um texto jocoso, um texto potente, mas era fala sabe? E as cenas do indiano por exemplo elas eram fisicamente. Até porque o cara tem pouco em inglês então ele vai ter que se expressar em outra língua. E aí a cena dele era quase muda, a gente tinha só mais espacial, coisas espaciais, o visual ele mandava e tal. E o chinês por exemplo as cenas... A maioria das cenas dos chineses elas eram super pausadas. Entre uma ação e outra existia um lapso assim que era bem diferente esteticamente. Então para mim foi muito interessante ver essa diversidade cultural. Mas como é que isso funciona no brasil? Como é que tá a qualidade estética das artistas que vocês encontraram em termos de diversidade?

Orador B: BH eu vi uma cena de cabaré mais diferente em termos de diversidade de número. É... vi que tem outras influências ali com uma digital muito forte, a digital da performatividade é bem forte, da dança, né, também a questão do burlesco, a militância. Tudo isso tem muito forte nessa cena. E assim não tem como falar das cenas, eu tô falando de um núcleo de mulheres pra cabaré né.

Orador A: sim, sim, sim

Orador B: aí você tem por exemplo as mulheres do sul, né, Porto Alegre e Floripa. As que a gente teve contato, palhaços muito experientes e pesquisadoras sem palhaçaria. A gente teve contato com esse perfil de mulheres que são... Que treinam palhaçaria, que são pesquisadoras

em palhaçaria, que tem seus números e espetáculos e tarará. Outros lugares a gente acessou poucas palhaçadas, tinham mais artistas de outros perfis também.

não identificada: poetas, musicista.

Orador B: isso. E o humor também se manifestou de maneira muito diferente. Aqui em Brasília mesmo foi uma cena muito, muito bonita, o cabaré daqui também foi incrível. E uma cena muito híbrida, muito performativa com um humor muito particular, muito peculiar, uma palhaçaria expandida digamos assim, né, porque sai um pouco da figura do palhaço como se manifesta no nosso imaginário da palhaça né. O nariz, a maneira do jogo. E aí eu falo palhaçaria porque a expandido mesmo, né, de humor de mulher que tá muito atravessando esses lugares do performativo né. Dublagens, de um tudo apareceu, amigo. Dublagens, é... Um estilo meio drag queen, drag queen, drag king, um estilo mulheres fazendo ambas as coisas.

Orador D: e tem... Ouvindo você falar agora sim tem também uma característica do cabaré das rachas que é a gente não tem medo assim de não puxar uma cena outra para o humor, por exemplo. O cabaré ele não é inteiro para você morrer de rir sabe? Tipo, não é só sobre isso. Na verdade, ele é sobre as mulheres na, então as mulheres elas trazem... Quando elas percebem que ali no cabaré com a gente, que a gente vai montar essa dramaturgia e que tem espaço para trazer outras coisas, para ler uma poesia inteira se ela quiser, para cantar uma música inteira se ela quiser, sabe? A gente teve cena de mãe e filha. Foi lindo, sabe? Então como tem esse espaço e que areja muito a dramaturgia do cabaré fica uma coisa assim muito, muito linda de ver e a gente passa sabe isso acho que é em todos os lugares que a gente passou. Todos assim. Mulheres que não são do humor, mulheres que estão ali porque elas querem fazer coisas, elas têm coisas para falar, elas têm coisas para botar para fora. Todas, todas sem exceção. É muito lindo de perceber isso. E aí quando tem esse espaço, né, quando a gente tira essa carga de tipo não precisa ser engraçado, só né... só vai lá e sei lá dança sua dança ou canta sua música.

Orador A: e vocês encontraram é... teve muita inscrição ou muita procura por artistas não cênicos? Que não fossem nada cênicos ou que nunca tivessem feito nada cênico, mas que tinha essa coisa assim tipo ah, eu sou artista, mas eu não sou?

Orador C: sim, teve algumas inscrições que a pessoa era super nada assim.

Orador B: advogadas

Orador C: advogadas entende? E tem uma coisa assim interessante também que eu acho que o cabaré... Que acontece no cabaré que a geleia traz que é o lance... porque o cabaré acaba virando uma coisa tão uniforme assim, tudo se encaixa tão bem que realmente parece que a gente ensaiou vários dias aquilo. E aí eu acho que vem muito daquela coisa que a geleia traz que é da sororidade... a geleia é Ana Flávia. (- risos) que a geleia atrás da sororidade em cena, sabe? Tipo... Uma cena por exemplo que não tá tão bem-acabada, que não tem tanta potência ela consegue colocar outras mulheres nessa cena e faz essa cena ficar tipo assim muito foda. Então todas as mulheres no cabaré elas tem um momento de protagonismo durante o cabaré todo entende? Então eu acho que isso é uma qualidade sim que a gente chegou do cabaré também. São poucos cabarés que eu vejo isso onde todo mundo consegue ter um protagonismo mesmo em cenas coletivas, mesmo com a sua cena individual sabe? Eu acho que isso é uma qualidade assim boa nossa, sabe, dentro do cabaré. Então essa coisa que

você pergunta da estética, eu acho que ela permanece sempre, ela tá o tempo todo. A gente preza por isso o tempo todo assim, desde o primeiro dia quando você começa a observar as mulheres, quem são elas, no próprio jogo ali até o último dia que é no ensaio técnico antes de fazer o cabaré mesmo. Então esse olhar carinhoso, cuidadoso e amoroso ele está o tempo todo no cabaré assim. E eu acho que isso dá essa qualidade estética independente se a pessoa tem ou não, entendeu?

Orador A: sim, sim, claro.

Orador D: até porque nos próprios... Nos grupos que se formaram de mulheres, por menores que eles fossem ainda existe uma diversidade muito grande naquele próprio grupinho né? Então num grupo às vezes de seis mulheres...

Orador C: tinha uma palhaça ou nenhuma palhaça

Orador D: tinha uma palhaça aí tinha outra que... Uma senhora que ficou sabendo da oficina e acabou chegando lá. Mas era cozinheira. Aí a outra que fazia todas as oficinas do Sesc, mas não era atriz, mas era viciada em fazer a oficina do Sesc. Entende? Então no próprio núcleo por melhor que ele fosse ainda tinha muita diversidade.

Orador A: e vocês tiveram bom... Sempre esse número assim, né, variadão, porque também variava muito em relação às cidades né?

Orador D: sim

Orador A: mas vocês tiveram algum momento em que vocês pensaram: "caraca, e agora? O que que a gente vai fazer? Tem pouca gente inscrita ou tem muita gente, mas não tem o material que eu...não deu tempo". Enfim. Vocês tiveram esses perrengues assim de... Que vocês pensaram assim vou ter que ir eu lá resolver, vou ter que fazer, enfim... como é que foi esses bastidores aí?

Orador B: olha, eu só acho que falar da vida particular das pessoas acho uma exposição desnecessária. A gente não precisa ir para esse tipo de lugar, com certeza. Fala gente.

Orador D: tivermos sim, vários. Olha, o palco giratório ele funciona de uma maneira muito maluca. Tipo assim, desses quatro meses que a gente falou, dois desses meses foram praticamente seguidões. Seguidos. A gente não voltou para casa, a gente voltou para casa e passou dois dias, lavou roupa e nem deu tempo de secar a gente colocou de novo na mala e levou mofada mesmo. Mentira, não mofou não. É...

Orador A: porque o processo são seis dias

Orador D: cinco dias.

Orador A: são seis dias... 5 dias lá. Então são quatro dias com o encontro com as mulheres inscritas e um dia apresentando?

Orador D: tipo isso

Orador A: então a montagem, a montagem da apresentação, é no mesmo dia da

Orador D: da apresentação

Orador A: do ensaio geral que é o mesmo dia da apresentação?

Todas: isso.

Orador A: caraca, que maluquice

Orador D: nesse quarto dia a gente ensaia só entre a gente e chega a DJ, porque a gente trabalha com uma DJ também, uma DJ local da cidade que a gente tá. Nesse quarto dia a gente faz isso. No quinto, que já é o dia da apresentação, a gente faz a montagem, faz uma passagenzona técnica e apresenta logo em seguida. E aí às vezes é um pouco mais tranquilo, mas muitas vezes a maioria das vezes é uma loucura, uma loucura, aquele ritmo de teatro, né, caótico. Bem maluco. Aí é tudo acontecendo ao mesmo tempo né. E o dia da estreia. Então é bem tenso assim. Racha kamikaze mesmo.

Orador C: a gente tem alguns dispositivos de segurança né

Orador A: ah sim.

Orador C: que são cenas que a gente já sabe que funcionam, que são muito potentes e são coletivas. Então algumas dessas cenas a gente a gente repete elas em alguns lugares.

Orador B: sim

Orador C: para dar uma potência assim no cabaré também. Então são alguns dispositivos de segurança que a gente tem. Por exemplo, as MC's que é a geleia Ana Flávia sempre [inint] [00:42:40] a Elisa verruga, tem... ah, enfim não vou falar aqui...

Orador B: o seu número que entra sempre fortalecendo. Um elemento muito forte e isso é muito importante de dizer, né, porque dentro dessa pré-estrutura que a gente vai construindo também ao longo das viagens, né, porque quando você falou um pouco sobre o negócio da... De repente das histórias, dos depoimentos, a gente tenta não entrar nesse espectro de histórias e depoimentos. A gente tenta entrar nas pautas e como esses corpos reverberam essas pautas sabe? É um sistema de improvisação assim, é um tanto menos falado e terapeutizado do que aparenta. Bastante menos. É bem prática mesmo, é bem mão na massa pesado mesmo.

Orador D: e até do que se vincula quando diz mulher

Orador D: é uma grande roda de conversa. Não é bem assim não, nós paga várias horas de prancha antes, é bem bruto fisicamente, não é coisinha de [inint] [00:43:48] não. Então assim, tem esse negócio. A gente tem que ficar ligeira porque vai para esses lugares fácil, tem nada a ver. E aí a gente vai configurando e no fim começa a ter uma estrutura meio que a gente já monta a dramaturgia. A dramaturgia passa pela dramaturgia de criação de números também, não a dramaturgia inteira do espetáculo, mas número a número como fazer aqueles números e aquelas habilidades virarem coisas né que a gente possa juntar e botar nessa brincadeira. Então a gente tem uma estrutura ali. Por exemplo, eu e Elisa somos as MC. Então a gente já tem as nossas entradas e as nossas abordagens dos temas que a gente já levanta e já traz como pauta nossa né. Aí a gente já tem por exemplo o número da nega. O número da nega é um

número foda, que é o número que passa rodo festival, que ela leva prêmio [inint] [00:44:43] uma monstra. É um número que é importantíssimo abrir o cabaré em termos de estrutura de dramaturgia porque ele já dá uma voadora geral para o público sacar a potência. E isso é um espaço também de interseção muito legal e que a gente ouve com um retorno muito especial das mulheres, que a gente não vai lá e dá uma oficina e monta um negócio para elas apresentarem o resultado ali da oficina. Não, a gente vai montar uma parada junta. Estaremos todas juntas fazendo esse cabaré. A gente brinca, elas jogam. Esse aprendizado se dá também nessa urgência e também elas jogarem por exemplo. Eu fico mais na posição de dramaturgia de número e direção, mas aí Ana Luiza e Elisa são jogadoras de ponta, alta performance. Então essas mulheres tendo a oportunidade também de jogar com Ana Luiza e Elisa, que são jogadores de alta performance, também é aprendizado dentro dessa metodologia urgente. É um aprendizado muito rápido. Rápido elas veem a coisa funcionando, mulheres foadas em cena e tipo eita porra...sabe? Já caem muitas fichas nesse movimento da gente estar juntas em cena sabe?

Orador A: tá, mas como é que vocês fazem... Como é que vocês criam uma coisa com 20 tantas pessoas, cara?

Orador B: então, coletivizando várias... Protagonismo de números para quem já tem número muito mais aprimorado né. Tipo assim, acaba rolando...

Orador A: o Sesc tinha alguma coisa tipo “olha, vamos tentar fazer isso em uma hora, vamos tentar fazer o resultado ter em uma hora e meia ou duas horas”. Como é que era isso?

Orador B: na verdade Sesc tem uma dinâmica de expulsão dos artistas quando acaba o processo que é meio grosseiro, que é meio doido assim. Por que por exemplo, o Sesc precisa fechar às 10 horas. Vamos dizer por exemplo. Ele precisa fechar as 10 custe o que custar, você vai sair dali porque eles têm que fechar. Não tem uma coisa de espera o pessoal desmontar aqui, fica meio tenso esse movimento. O que acontece é que os cabarés de uma maneira geral giravam em torno de uma hora e meia e 2 horas e 10 de espetáculo. Essa é a frequência de tempo de uma maneira geral do cabaré né. Só que a gente tem muito senso, noção e responsabilidade que esse tempo sempre ganhava esse tamanho porque tinha a potência para ter esse tamanho. Então era 2 horas e 10 e o público com a gente gritando, tipo assim fazendo a ola. Então é isso, tipo, pressão até o fim. Fazemos. E aí depois a gente tem meio que desmontar e sai correndo, não dá muito para ter um momento. Alguns Sesc se fizeram uma previsão de uma conversa depois, acho que foi campo grande. Alguns lugares quiseram trocar as ideias...

Orador D: recife

Orador B: recife né. E aí fizeram uma previsão do cabaré mais cedo. O que na verdade a gente ficava meio assim quando o cabaré era meio cedo assim porque a vontade é que o cabaré seja mais tardinho né? Mas a gente fica no horário meio padrão do teatro mesmo, não tem como. Porque não está dentro de um festival. A gente esteve com o cabaré no meio de festival em Poconé, que tava acontecendo o espia aí que é o festival de circo deles, e no maranhão também tava acontecendo o festival de circo que a gente entrou na programação do festival. Aí o cabaré ficou mais situadinho nesse lugar de cabaré de circo lá no final da programação e tudo mais. Mas de maneira geral ele tava no espectro de... Nos horários de espetáculos mesmo, oito, sete, né, essa coisa.

Orador D: nos dois meses que a gente passou viajando e que é uma loucura porque a gente engata uma cidade na outra. A gente passa sete dias na cidade. A gente chega em uma, aí faz 5 dias e vai embora no sétimo né. Então enquanto a gente estava em uma determinada cidade montando o cabaré e fazendo a vivência, fazendo tudo, a gente já tava preocupada com a próxima cidade.

Orador B: mobilizando.

Orador D: mobilizando porque a isso também. O Sesc ele vai até um certo ponto nessa divulgação, tem um limite né. Em alguns Sescs eles propunham uma pessoa mesmo ligada a grupos de mulheres ou alguns grupos de palhaços, grupos de artistas e tal, e essa pessoa meio que terceirizada assim do Sesc mobilizava melhor essas mulheres na cidade. Mas na maioria era um chamamento que a gente propôs né e eles soltavam esse chamamento né e ficava por isso mesmo. Assim, a gente passou por muitas aflições porque às vezes chegava três dias antes e tinha sei lá duas inscrições. 3 inscrições oficiais.

Orador A: caramba

Orador D: muitas mulheres querendo e tudo mais, mas inscrições mesmo a gente tinha duas às vezes. Então a gente se mobilizava entre nós nas nossas redes sociais, do nosso tempo, e trazer essas mulheres. A maioria das cidades funcionou assim. A gente soltando mesmo no facebook [inint] [00:cinquenta:07]

Orador B: mobilizando, movimentando

Orador D: mulheres de tal lugar da, quem conhece gente? Marca aqui. Aí a gente ia uma por uma, mandava mensagem no inbox, conversava, tá, tá, tá. Né... então é uma loucura mesmo

Orador A: e a pessoa paga alguma coisa?

todas: não

Orador A: não paga. E nem para assistir?

Orador B: teve alguns Sescs ... Isso fica bem a critério do Sesc né. Cada Sesc tem uma política diferente.

Orador A: entendi

Orador B: alguns tiveram uma cobrança de ingresso que era a mesma do palco giratório de todas as atrações do palco, né, preços populares porque o Sesc trabalha assim. E outros não, outros eram entrada franca. Variava.

Orador C: isso aí é legal de falar também, que a gente tá no palco giratório, mas a gente não tá como um espetáculo do palco giratório, a gente está como cena expandida.

Orador A: tipo uma atividade que tem né no...

Orador C: e aí essa coisa da gente tá no teatro, de apresentar um teatro, fez também a gente ter essa agilidade de tornar o cabaré um espetáculo. Por isso ele é espetacular assim sabe?

Orador A: e o Sesc é que banca para vocês? Ou seja, o Sesc aqui paga vocês para fazer essa monstruosidade toda?

Orador B: sim, sim. O Sesc banca as passagens, a hospedagem, alimentação e o cachê. Lembrando, só para as pessoas terem mais ou menos uma ideia, né, essa cena expandida é uma modalidade nova dentro do palco. Giratório. O palco giratório é um festival nacional do Sesc em que espetáculo... É um festival incrível que foi como o Gustavo abriu o programa de hoje né falando sobre a questão dos festivais. O palco giratório é um festival incrível em que os curadores dos Sescs do Brasil inteiro podem colocar numa espécie de mesa, de leilão, espetáculos de todas as cidades né. De todos os lugares têm espetáculos ali para que sejam selecionados entre esses curadores nacionais e participarem desse festival. Então são espetáculos do Brasil inteiro circulando pelo Brasil inteiro, né, essa é a ideia do palco, levar espetáculos. Tem um espetáculo lá de Manaus que vai entrar no palco e fazer Rio Grande do Sul, vai fazer São Paulo, vai fazer... Vai girar pelo Brasil e isso para todos os lugares. Isso é muito maravilhoso, é uma política de difusão da arte potente, imensa, gigante, uma coisa deslumbrante, muito maravilhoso mesmo. E a gente como cena expandida tava como um espetáculo do DF, então foi criada essa modalidade. Eu acho que tínhamos nós e mais um projeto ou dois dentro do palco desse ano que tinham essa proposta de vivência e outra... E outros desdobramentos que não eram o espetáculo. Mas como a gente também é uma proposta nova, digamos assim, né, meio que essa cena expandida foi criada para atender a demandas de projetos como o nosso também. A gente mesmo ficando 5 dias na cidade a gente ganha um cachê igual ao de um espetáculo que vai chegar e ficar um dia na cidade. Mas é trampo igual porque você pensa que é um espetáculo chega na cidade, monta, né, toda a loucura, montar cenário, monta apresenta pá pá pá desmonta e vai embora para outra cidade. Sabe? A agenda de espetáculos do palco giratório é de sei lá 42 espetáculos, um espetáculo quando entra no palco ele faz 42 cidades né mais ou menos. Nós porque temos esse tempo que a gente fica na cidade, cinco dias tarará, a gente totalizou 15 cidades porque a gente não tinha essa dinâmica de um dia o outro dia o outro dia o outro dia. A gente fez outro...é diferente o nosso processo, né, mas é o Sesc que banca tudo. O Sesc que na verdade é o dinheiro de arrecadação dos comerciários, né, é dinheiro de todos os comerciários, de todas as pessoas ligadas ao comércio que colaboram com o Sesc. O Sesc oferece um monte de serviços para as pessoas baseado nesse mesmo recolhimento de imposto dos Sescs.

Orador A: eu queria perguntar para vocês como que vocês se sentiram em relação à quantidade de público, como que o público tá indo? Obviamente a gente tá falando desse aspecto do que vocês vivenciaram com essa característica desse festival, é lógico. Mas como é que está essa cena de quantidade de público? Porque um dos nossos objetivos aqui do nosso podcast do trabalho de mesa é falar da produção teatral, da produção artes cênicas como um todo. Então o público tá indo? Como é que vocês sentiram? Vocês sentiram dificuldades? Teve cidades que teve pouquíssimo público? Ou teve cidade que o povo voltou? Como foi isso aí?

Orador D: não sei se também porque a gente tava pelo palco giratório, né, então por exemplo tem cidades que a gente apresentava, antes da gente tinha uma outra apresentação, então já tinham a sequência de apresentações que a galera tava assistindo e ia assistir no Sesc. Mas a gente sempre esteve a casa cheia assim, foi bem interessante isso. Talvez em Poconé foi um lugar que teve... Foi um pouco diferente o público assim sabe? Uma reação diferente assim sabe? Os homens, principalmente os homens na plateia e algumas mulheres também. Assim um pouco de ojeriza sabe, com a gente? Um pouco meio é... desconfortáveis com os temas propostos. Eu senti um pouco do público em Poconé.

Orador A: Poconé é em mato grosso? Do Sul?

Orador D: mato grosso. É perto de Cuiabá, uma hora de Cuiabá. É uma cidade de fazendeiro, né, de agricultura, é uma cidade que você vê muitas crianças grávidas na rua

Orador D: é uma cidade extremamente machista.

Orador C: machista né. Extremamente machista. Então isso a gente sentiu. Dos outros públicos pode até ser que tenha pessoas machistas, tiveram pessoas machistas na plateia, mas a gente não sentiu isso. Mas em Poconé ficou bem explícito isso assim sabe? O desconforto das pessoas com os temas, as pessoas foram levantando, saem do mesmo do... Da lona. Era uma lona de circo, ou homens pegavam suas mulheres e levantavam, as mulheres balançavam a cabeça assim como não... tipo... sabe... Isso foi um pouco choque cultural para a gente assim, foi meio...

Orador A: e era muita gente?

Orador B: realmente Poconé foi uma experiência bem atípica porque a gente tava voltando para lá inclusive né? Vamos ver qual é o contexto.

Orador A: pois é, vocês falaram que eles gostaram e chamaram de novo.

Orador B: é, porque eu não acho que tem a ver com o não gostar. Porque o nosso trabalho... Esse nosso trabalho político é isso, né, você fazer uma arte que tem a bandeiras, que tem a posicionamento político é... vai em algum momento e em algum lugar [inint] [00:57:26] isso é uma... Isso não quer dizer que isso é ruim ou bom, né, o Sesc conseguiu ler como uma coisa importante, as curadorias do Sesc. Tanto é que a gente teve uma avaliação no dia seguinte sobre o festival. Porque nós estávamos lá pelo palco, mas como eu disse a gente tava no festival espia aí, que é o festival de circo de Poconé. E eu tava lá numa função dupla porque eu tava fazendo a mestre de cerimônia das atrações do festival de circo. A gente apresentou na lona de circo tudo. Isso, toda essa sensação de se rachaçamento ainda assim as pessoas tendo uma certa intimidade com a minha imagem por exemplo que tava anunciando espetáculos todos os dias né. Fazendo a MC do festival. Ainda assim. Para você ver né. Nem isso assegurou algum vínculo afetivo... porque acaba a segurando um pouco, mas foi um lugar desafiador para gente. Poconé tem um Sesc muito atuante, Poconé praticamente em termos de oferta de algo para a comunidade é só o Sesc que existe. Tanto é que os jovens têm até uma expressão lá que eles usam: Sescou. Não é sextou porque eles vão para o Sesc para poder usar a internet, ficam lá naquele ambiente brincando, as crianças têm um monte de atividades. Tem o Sesc Poconé e o Sesc aldeia pantanal que é lá também. Lá acontecem festivais muito legais, tipo o festival aldeia pantanal, o festival de teatro. Eles ofertam muitas coisas para a comunidade de cultura sabe? E o nosso público lá, as mulheres com que a gente foi trabalhar, eram menores de idade. Eram meninas. Então já foi desafiador porque a nossa metodologia já foi toda alterada porque a gente precisava de outra abordagem absolutamente, outra escuta. E mesmo ali embora as pautas sejam muito recorrentes, existe um recorte de cena muito específico daquela cidade. Primeiro as narrativas de meninas, né, de menor. Então tem todo um zelo nosso também sobre como a gente ia... É toda uma transposição de conteúdo né. Até no lugar de cabaré, numa cidade de interior de danos assim, né, uma cidade... É uma cidade que tá na beira da transpantaneira sabe? É isso. É uma cidade como a nega colocou, é agronegócio e quilombo. Tem os quilombos por perto e tem o agronegócio

comendo pesadíssimo. Então a gente tem uma cena de distorção um pouco das potências dos quilombos porque a comunidade quilombola sendo afastada dos seus locais de origem em que elas estão ali lidando com a sua agricultura familiar, com as suas metodologias de sustentação. E quando elas ocupam a cidade elas ficam subalternizadas dentro do sistema ali. Elas só vão estar ali trabalhando para a branquitude do agronegócio. É esse o contexto né da cidade. Então é um Sesc muito importante e a gente tinha essas meninas chegando e a gente teve que fazer várias alterações. E não tinha jeito, já era o nome cabaré, já tava com a última atração. Uma atração em horário de cabaré de circo em Poconé já é diferente, comunidade não tá acostumada a ficar até no horário maior, mas a galera do Sesc... eles são maravilhosos! Eles querem ofertar uma experiência na íntegra para a galera, para a comunidade. Eles querem levar um festival de palhaços de circo e vai ter tudo, vai ter cabaré 11 horas da noite. Eu sinto que é uma vontade muito grande de levar, de dar esse acesso. Mas tem delicadezas sobre isso porque é o nosso desafio de como a gente se comunica e transita no meio dessa comunidade que tem essas expectativas né. Então várias coisas ficaram para nós como ensinamento, levamos várias coisas para nossa reflexão, foi um aprendizado gigantesco né. Tipo, pensar sobre qual era a nossa responsabilidade quando a gente chama a ideia de cabaré e tem um monte de menor trabalhando com a gente né? Num lugar onde é naturalizado o abuso né? Nas narrativas e sua parece mesmo sem a gente perguntar, essas narrativas elas gritam na nossa cara essas realidades. E ali muito mais ainda. Então foi bastante desafiador e houve isso. E a gente tentou realmente, a gente tem cuidado mesmo em comunicar. Porque a ideia de trazer pautas militantes para dentro do produto artístico no meu entender, e acho que é uma coisa comum entre nós no cabaré das rachas, é que a gente precisa conseguir se comunicar com aqueles que já não aplaudem a gente naturalmente. Por que ganhar o aplauso dos pares que já concordam com a gente não representa crescimento né? A gente precisa conseguir desbravar territórios e conseguir fazer com que pessoas que normalmente façam murchocho, né, virem a cara, fazem biquinho, olhinho olhando para cima, consigam olhar para o que a gente tá fazendo com carinho, com respeito, porque é muito bom independente de fazer muchocho, de não gostar do tema ou de achar a hashtag feministas feia ou sei lá o que porra que as pessoas acham. Mas a gente tem esse zelo. Lá foi o lugar em que a gente sentiu mais profundamente né. Muitas ficaram na plateia, muitos jovens amigos das meninas que estavam fazendo o cabaré. Então você vê que mesmo nesse lugar dentro desse contexto a juventude é um respiro, é um lugar em que os corpos se colocam de qualquer maneira sabe? Isso é muito bonito de ver. E ficaram algumas pessoas do público com... Os que ficaram, ficaram com caras simpáticas achando importante aquilo que tava ali, mais houve uma retirada assim. Se levantaram umas 20 pessoas no meio do movimento, foi tipo isso.

Orador C: e tem uma coisa também, só complementando assim, é que as pessoas... Com relação aos públicos né das cidades, as pessoas ficam muito instigadas com o cabaré das rachas. O nome já causa uma curiosidade sabe? Elas ficam querendo saber do que aquilo se trata e quando mais que eu também cabaré de circo com palhaçaria, feminismo, essa mescla chama muita atenção. As pessoas ficam muito curiosas mesmo, isso também deu uma bombada assim no nosso público.

Orador A: vocês divulgam como o cabaré das rachas tipo hoje o cabaré das rachas tal hora tipo... E como é que é a arte? Já que cada vez que... (-gaguejos) tipo flyer virtual, como que fica a identidade visual já que cada espetáculo vocês fazem baseado na experiência que vocês chegam lá? Como é que funciona isso? É um padrão? Desde o início é o mesmo e vai-se embora? Como é que é?

Orador C: o nome, o primeiro nome né é femiclown cabaré show. É como se fosse o nome do espetáculo.

Orador B: do processo todo

Orador C: do processo todo, inclusive a própria apresentação do cabaré, né. femiclown cabaré show, esse processo todo. O cabaré das racha somos nós três, é esse trio, é esse núcleo. Só que acaba ficando cabaré das racha o nome sabe? [inint] [01:05:16] nome do show porque é mais legal mesmo e a mais fácil de pegar a, é um nome forte, então as pessoas conhecem como cabaré das racha mesmo. Mas quando a gente vai escrever um projeto por exemplo e precisa defender é o núcleo cabaré das racha apresenta projeto femiclown cabaré show. É tipo isso.

Orador A: entendi

Orador C: e a arte a gente tentou manter um padrão porque a gente enfim tirou foto de nós três, fotos do trio, a gente fez uma sessão de fotos com o Gabriel Guirá. O próprio Gabriel Guirá que a designer também ele propôs algumas artes super lindas assim do nome e do nosso conceito também, um card super lindo sobre o nosso conceito. Só que a própria assessoria de publicidade do Sesc

Orador D: fez um

Orador C: a logomarca e a arte do... Identidade visual do palco giratório. Então eles propunham sempre.

Orador D: de uma cidade para outra o que muda é a foto. Praticamente o que muda é a foto só.

Orador C: mas há sempre de nós três

Orador D: sempre a foto de nós três, então o resto... Serviço, e tal, vai tudo igual a configuração do Sesc mesmo.

Orador C: não tem como a gente fazer uma arte nova a cada cidade com as mulheres, não tem como.

Orador A: e a Ana Luiza que faz a montagem da luz também, né, tipo trabalha nessa parte da luz?

Orador D: sim.

Orador A: então tu chega... Fica no teatro

Orador D: chegou antes

Orador A: antes de todo mundo, sobe, manda subir, pendurar a luz, aquelas coisas todas

Orador D: exatamente. Na verdade, eu converso com os técnicos. Mais ou menos no segundo ou terceiro dia eu já conheço eles né e aí eu já explico mais ou menos o que é que a gente

quer e tal. Porque a gente não tem um mapa assim de luz, um mapa de palco

Orador A: é isso que eu ia perguntar, porque vocês têm que lidar com uma coisa que vai acontecer nos próximos dias, mas ao mesmo tempo vocês já tem que começar a montar uma luz né? É um desafio gigante, cara. Que massa.

Orador D: aí a gente tem uma... Tipo assim, eu fiz uma base né de luz assim e a gente usa o que o teatro tem, o que o espaço tem. A gente já fez fora da caixa convencional também então a gente usa o que o Sesc libera para a gente, assim. Mas basicamente é quase sempre igual. Quando tem mais opções aí a gente coloca um foco mais específico, dependendo das cenas que tem também a gente procura botar outros focos e tal, mas é basicamente um mapa sempre.

Orador C: mas é sempre um corre assim, tipo a gente já tem um rider que a gente sempre vai usar. Dois microfones, material da DJ e a iluminação básica. Aí a gente chega na cidade e tem sei lá muitos números que precisam de microfone por exemplo, ou headset, enfim. E aí a cada cidade é um corre.

Orador A: e aí falando essa coisa da produção, eu queria perguntar para vocês quem... qual é o corpo do cabaré das racha. Esse grupo, vocês estão sendo assessorados? Vocês têm já falaram isso um fotógrafo, tipo... Qual é o corpo do grupo em termos de produção?

Orador B: na verdade para esse projeto a gente contou com a produção da Juliana Curi, maravilhosa, que cuidou de toda a relação. A empresa dela representou a gente com o Sesc, né, cuidou de toda a documentação necessária porque aí o Sesc contrata a empresa né. Nós somos representadas pela empresa dela e a relação foi toda mediada com ela, as relações com o Sesc todas as mediadas por ela, que zelou pela gira toda, cuidou da parte administrativa, organizações, as planilhas, as datas de receber repasses de dinheiro, tudo isso. Gabriel Guirá fez as fotos, ele é um designer, é um multi artista, um cara incrível aqui de Brasília, um artista com quem eu tenho até espetáculos. Ele é ator também, dramaturgo, um cara incrível, um multi artista. E ele fez alguns designs também para gente, cards falando para a gente poder nessas mobilizações que a gente precisava fazer não mano a mano, nós, a gente tinha alguns cards que já diziam um tanto, o que era o cabaré, uma foto lá de porto alegre que é a primeira cidade e que tem aquele palco cheio de mulheres. E aí fomos trazendo os temas né tipo assim, as provocações que acontecem durante a vivência para movimentar as inscrições. Porque muitas vezes o card oficial do Sesc que entra no fluxo da programação... quando na cidade o palco giratório está como o festival que tá recebendo vários outros espetáculos, esse movimento é mais fluido de mulheres acessando né essas informações da divulgação via Sesc. Mas quando não, e aconteceu também, a gente tá na cidade e não tá acontecendo exatamente o momento do festival palco giratório na cidade. Até porque muitos Sescs receberam muitos cortes de verbas esse ano e não puderam realizar festival, compraram uma ou duas atrações e espalharam a elas ao longo do ano, por exemplo. Sei lá, sabe? Aí quando a gente ia nesse tipo de contexto a nossa mobilização era mais complexa, a gente tinha que partir para o mano a mano muito mais forte porque não tinha um festival acontecendo na cidade né. Então só a divulgação do Sesc era absolutamente insuficiente.

Orador A: massa. E outra pergunta que eu queria fazer como é que vocês planejam o futuro e se vocês também fazem um track assim tipo, depois que termina a apresentação aí você teve pessoas que vieram e tava muito a fim de apresentar alguma coisa, se inscreveram e vocês sacaram... cara, essa pessoa aí ou essa mulher que veio ela é fantástica... Tipo, é uma parada

que a gente deveria manter contato e tal. Como que fica o pós? Terminou, você vai para outra cidade, vocês ficam carregando essas outras pessoas, essas outras mulheres? Como é que fica esse pós depois? Vocês mantêm esse track? Como é que é?

Orador B: dentro dessa metodologia da mobilização fazia parte para a gente até manter a comunicação fluida desde o momento de contactar essas mulheres nas cidades, a gente criava grupos de whatsapp. A gente criou o grupo de whatsapp de todos os cabarés de todas as cidades.

Orador A: caramba.

Orador B: e ali estão as redes de cada lugar.

Orador A: então você vai ter tipo 14 grupos de whatsapp para um monte de gente? Nossa.

Orador B: sim. E ali a gente tem uma linha de comunicação. Alguns grupos entre si se tornaram coletivos mesmo que passam a trabalhar e produzir coisas juntas. Outros viraram grupos de trocas de informação. Eu sei que esses grupos não foram se diluindo, esses grupos foram se mantendo né e essas relações elas se expandiram a ponto de ano que vem a gente já tem um convite para estar no festival de cabarés que a Dagmar Bedê, que é uma palhaça de BH, aprovou, um projeto de festival de cabarés. O cabaré das rachas vai para BH participar disso aí.

Orador C: a Dagmar conheceu a gente, fez o cabaré lá em BH

Orador B: exatamente, fez o cabaré com a gente, apresentou na, fez o processo e esse lugar se estreitou né. Tem convites que vão gerando também né de contatos sobre os nossos números, sobre os nossos trabalhos né. Tem convites de espetáculos, de voltar para cidade para dar outras oficinas. Isso vai virando uma rede também potente de trabalho, né, de geração de mais trabalho e de... enfim, multiplicação dos nossos saberes e das nossas potências. Essa foi uma coisa importante assim que eu acho que se couber seria legal de dizer também, que muito importante também nesse lugar é o desafio feminista de inserção, de alavancar realmente um território dentro do mercado. E pensar mercado é pensar poder discutir com o Sesc, discutir com contratantes, contratantes precisam saber que existem mulheres palhaços desenvolvendo trabalhos muito potentes para além das pessoas que já são consagradas, na sua maioria homens né. É muito importante que os contratantes entendam que mulheres dão oficinas, que mulheres dão capacitação, que mulheres dirigem espetáculo e tem trabalhos muito incríveis. Porque senão a gente não areja de fato, a gente areja em termos de conteúdo ideológico, mas não areja de fato, a gente precisa quebrar mercado mesmo para isso realmente ter transformação efetiva. E precisamos construir na lógica dos aprendizes. Para mim é um grande foco da nossa militância passa por isso, desconstrução do entendimento dos contratantes de uma maneira geral e dos aprendizes, que também precisam perceber que não precisam se reportar sempre aos mesmos mestres homens porque existem mulheres de igual a competência e q estão dispostas e produzindo no mercado. E as pessoas precisam enxergar isso né. Então esse é o nosso desafio factual como militância em um projeto como esse também sabe? Isso é muito legal assim para que todos entendam que o mercado está aí e nós estamos na cola dele.

Orador A: tá vendo? Eu gosto que a Ana sempre termina o programa para cima, mas com uma bronca e dando a moral. Por isso que eu falo que é a nossa moralista, no melhor sentido.

Ela vem aqui dar moral para a gente. A gente aprende cada vez que a gente vem. Bom, é o seguinte, gente, estamos nos encaminhando para o final. Acho que foi tipo fantástica essa explanação pequena, rápida e singela ainda de um projeto tamanho, gigante em importância, fantástico. Acho que dava para a gente ficar falando sobre desdobramentos. Uma coisa que eu tenho muito interesse em conduzir esse podcast, o trabalho de mesa como um todo, é essa fala técnica, essa fala específica do mundo teatral de estar em cena, de vocês como atrizes pensando isso, não só falando da linguagem como de leite. Tanto que a gente deixou para falar sobre público só no final mesmo. Sei lá, de alguma forma porque nós estamos aqui oferecendo para a comunidade é a visão interna das atrizes né. Então é legal a gente apertar esses lugares, mas também a gente quer saber se você ouvinte tá sentindo que isso funciona. Então manda um e-mail para a gente no bilheteria@trabalhodemesa.com para a gente saber se vocês estão sentindo, gostando mais da parte técnica, mais da parte emocional, mais bronca, menos bronca, enfim a gente quer também saber. Uma coisa interessante também é sobre o nome de vocês, o nome do grupo, o nome do coletivo. Eu acho que é até um cliquebait que a gente pode tentar usar aqui que é o cabaré das rachas. Cabaré a gente já dissertou, já de secou, já sanou ou quase. Mas o que é que essas rachas no meio desse cabaré das rachas ou o cabaré da racha? Que racha é essa? Que negócio é esse?

Orador C: que racha é essa?

Orador D: que racha foi essa? Que racha é essa gente?

Orador C: olha, o cabaré das rachas ele surge né... Ana Flávia teve esse insight maravilhoso, há muito tempo eu lembro de você falando sobre isso. Não o cabaré das rachas, mas...

Orador B: era o festival de teatro de rachas do DF.

Orador C: festival de teatro de rachas do DF né? O cabaré das rachas é isso, é esse o nome né? Cabaré das rachas. Mas a gente foi sendo atravessada por muitas questões do nosso próprio mundo de mulher assim, das mulheridades. E é um processo também que a gente tem que estar muito porosa né. Essa palavra é muito maravilhosa assim, a gente realmente tem que estar com os poros abertos assim para receber essas mil reflexões que surgem da gente e das mulheres que estão com a gente. Então a gente foi percebendo que esses rachas para além das rachas, né, do órgão genital da mulher e tal. Até porque tem mulheres que não tem essa racha, esse conceito ele se expandiu, ele cresceu, ele explodiu né e saíram mil coisas. E a Ana Flávia foi buscar também no conceito da arquitetura assim de rachadura sabe? A racha de rachadura, tipo uma parede quando tem uma rachadura, é uma parede que não serve mais para nada ligo lá ela tem que ser derrubada porque ela tá com de nada assim, é uma parede que não sustenta mais nada. Então é isso. Rachadura de um sistema patriarcal gigante estrutural que a gente vive. É como se fosse isso. E também poeticamente as rachaduras de cada uma de nós assim, né, o que é que a gente tá achando que nunca mais a gente vai conseguir... É um caminho sem volta. Nunca mais a gente vai conseguir tirar quando algo está rachado dentro de você, um conceito tá rachado dentro de você e você nunca mais vai ser a mesma né. Como uma coisa incrível que você descobre, nunca mais você vai des- descobrir aquilo. Não tem como você desver ou desentender certas coisas. Então é uma rachadura também nesse sentido, né, uma rachadura de paradigmas e conceitos que a gente está inserida e ninguém escolheu também né. É tipo isso.

Orador A: e contatos para a gente saber tipo... A pessoa tá ouvindo agora, tem uma mulher que tá ouvindo e falou: "caraca, eu precisava disso na minha cidade, eu precisava saber, eu ah meu deus, socorro, cadê vocês, vem aqui". Como que a pessoa faz?

Orador C: a gente tem o instagram do cabaré das rachas. Não, cabaré das racha. Tá no instagram e tem o facebook também igual, cabaré das racha. Aí a gente tenta colocar lá fotos e alguns textos sobre o processo né de cada cidade. Ele tá um pouquinho desatualizado, mas eu vou atualizar

Orador B: o insta tá mais atualizado

Orador C: o insta tá um pouquinho mais atualizado, mas mesmo assim tá precisando ainda eu...

Orador A: porque além de tudo vocês ainda cuidam da parte de mídias sociais. Caraca.

Orador B: pois então, nesse temos até que fazer um agradecimento e aproveitar esse momento aqui maravilhoso para falar dela. Ah meu deus.

Orador C: nosso amorzão.

Orador B: a Dedé, a Débora, ela foi uma mulher que a gente conheceu em palmas que fez o cabaré e virou praticamente a nossa assessora de rede do Instagram

Orador D: social media

Orador B: nossa social media durante a nossa jornada inteira do cabaré sabe? Fazendo postagens dos vídeos dos stories em tempo real enquanto a gente tava no cabaré, porque chamava o público a fazer stories e as pessoas iam marcando e ela ia repostando em tempo real sabe? Cuidou disso tudo e cuidou disso tudo porque sim, porque quis, porque tava afim né. Uma figura muito maravilhosa e a gente queria aproveitar já fazer esse agradecimento para depois a gente botar os links, esses nomes dessas pessoas para elas poderem assistir, ouvir o nosso podcast e se verem reverenciadas aqui. Dedezita, amada.

Orador C: é tipo isso, Dedé está com a gente, veio junto desde palmas. Muito amor, Dedé. Um beijo para você amadona.

Orador A: massa. Que massa, gente. Achei que foi bem legal. Acho que a gente cobriu mais ou menos tudo que eu pelo menos tinha pensado para perguntar, coisas que eu acho interessante colocar né. Mas de novo fica aberto convite para a gente voltar e falar tudo isso de novo por uma outra perspectiva ou enfim dar uma reclamação quando alguma coisa não tiver dando muito certo. Eu acho que esse tipo de programa serve também como um registro, né, quase uma hora e meia ou duas horas explicando o projeto, explanando o projeto. E também isso é interessante, serve para o Sesc também saber a potência e perceber a reflexão que ele anda fazendo. Porque eu sei que o Sesc é um sistema, a gente sabe que é um sistema híbrido ali, mas que tem pessoas dentro do Sesc querendo uma coisa muito grande, às vezes uma diretora ou diretor não entendeu direito. Então serve também para a gente deixar registrado né esse tipo de qualidade, né, essa potência desse material e também deixar uma pulga atrás da orelha e de cidades que ainda não receberam mas que tem o Sesc que tá lá o diretor do Sesc querendo trazer alguma atração, e agora descobriu e falou “caracas, é isso, vamos embora, vamos arrumar esse negócio, pelo amor de deus”.

Orador B: maravilha

Orador C: nossa, total. Trabalho de mesa arrasa muito.

Orador B: arrasa

Orador D: vocês são maravilhosos, gente.

Orador B: agradecer e inclusive isso, amigo, essa abertura dessa pauta. Para a gente é maravilhoso poder receber esse olhar atencioso sobre o nosso processo. A gente volta de um processo desse tão repleta de coisas, tão atravessada por várias coisas, tão mexida e às vezes não tem muito para onde escoar isso tudo. E essa oportunidade aqui de estar falando sobre, né, e relembrando aqui do processo e refletindo para gente seguir é muito importante para nós, sabe? Agradecendo aqui o nosso timaço.

Orador A: que é isso. Eu que agradeço pela oportunidade de conversar, ainda mais de tá aqui, né, ainda que fisicamente distante, mas emocionalmente presente próximo de uma das 3... acho que as três mulheres mais fantásticas que eu conheço a em termos de palhaçaria, em termos de atuação. Tipo, eu sou fã, fã, fã, ficou aqui até nervoso de falar (-risos).

Orador D: lindo

Orador A: então é isso, gurizada. Eu queria pedir que vocês que tiveram alguma sugestão de outro tema ou ficou faltando alguma informação ou não entendeu, a gente ficou conversando aqui 2 horas e você não entendeu nada... tipo, eu não sei do que você tá falando, para mim ficou uma maluquice, eu não entendi nada...

Orador D: assiste de novo.

Orador A: escuta aí e vê se entende na terceira ou quarta vez, mas mesmo assim ficou... Não sei que mulheres são essas, o que é que elas estão falando. Que racha é essa, meu deus? Manda um e-mail para a gente, para o bilheteria@trabalhodemesa.com, perguntando, colocando as suas sugestões. Se por acaso tu tá ouvindo esse programa aí pelo país afora e tu assistisse o cabaré em alguma cidade, deixa a gente saber também, deixa a gente ouvir você falando, manda o e-mail, manda uma mensagem. A gente tá no instagram também e no facebook, youtube, twitter, todas as redes sociais, sempre @trabalhodemesa. Procurar a gente, marca a gente nas coisas que vocês veem que a gente vai fazer... Grandes promoções estão vindo por aí viu? Grandes promoções estão vindo por aí, é a nossa black friday... não, mentira. A gente não tem nada para vender não. (- risos) a gente só tá de conteúdo mesmo. Então é isso. Eu queria agradecer a vocês três por terem dedicado esse tempo. E como o ouvinte e a ouvinte não sabem, mas a gente tá gravando isso pela segunda vez porque a gente teve problemas tecnológicos, mas foi fantástico né. Desculpa a contramão, mas para mim foi bom que eu tive vocês três duas vezes. Então isso foi bom. E muito obrigado mesmo pela presença de vocês aqui no nosso programa. A Ana Flávia não porque a Ana Flávia ela já faz parte, ela já está aqui, a gente só tá tentando arrumar os próximos três milhões para poder contratar as outras duas né... [inint] [01:25:36] consegui cinco milhões, que foi o cachê que a Ana Flávia cobrou. A Elisa, como é um pouco mais nova, tá cobrando só 3. E a nega...

Orador C: um

Orador A: um? Ah, um. Já barateou.

Orador C: um, é black friday.

Orador A: e a nega... A nega falou que só fala do valor na presença de advogados, então eu já imagino que seja alto. (- risos) então é isso, gurizada. Muito obrigada a todos que nos acompanharam até esse momento. Queríamos pedir encarecidamente que você, por favor, entre em contato. Um beijo e até mais.

Narração: O Trabalho de Mesa é uma criação da ETCA, Equipe Teatral Confins-Artísticos.

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Fim da Transcrição 01:26:01